



Compartilhando prazeres

Ivan Antonio Pinheiro

Para muitos, a leitura é, antes de mais nada, uma necessidade profissional, na chamada "Era do Conhecimento", é quase uma obrigação continuada. Mas que, nem por isso, ao menos para alguns, passa a ser uma ocupação menos prazerosa, ainda que tenham que se restringir aos textos da sua própria área de atuação. E também há aqueles que adoram explorar outros domínios, para muito além da sua esfera profissional. E, a estes, dada a natural limitação de tempo, é imposta uma decisão, quase um dilema: que leitura priorizar? Quantas vezes já não tivemos que abrir mão, ainda que temporariamente, de um bom texto de literatura em favor de um texto ou artigo acadêmico? E o que dizer da não menos agradável leitura de textos, muitos no formato de periódicos de divulgação científica, porém considerados como "não acadêmicos" (a exemplo da História Viva, das publicações da Scientific American, entre outras), não aceitos no circuito oficial e, por conseguinte, frente ao mesmo dilema acima, também deixados de lado? Bem, leitor voraz, já há algum tempo venho tentando resolver esse impasse.

A primeira iniciativa foi o projeto Literatura & Gestão, cujo título é autoexplicativo em seus propósitos. Foi assim, dialogando com Machado de Assis, W. Shakespeare, J. P. Sartre, L. Tolstói, F. Kafka, J. Boine, F. Molnár, entre tantos outros e durante três anos, que inúmeros temas habitualmente abordados nos currículos de cursos de gestão (como a liderança, as estratégias, a motivação, as tomadas de decisão, a burocracia e o poder, para citar apenas alguns) foram vistos, revistos e debatidos junto a um público de acadêmicos e não acadêmicos. Daí, de modo não usual, e a partir de múltiplos olhares que combinaram a razão (que é tão cara à gestão) à sensibilidade. Ao final (para variar) resultou um texto: "Construindo as Pontes entre Saberes – da literatura à gestão", escrito em parceria com dois colegas.

Desde então, muitos livros e páginas deslizaram por entre os meus dedos. Na mesma linha – na tentativa de conciliar a disponibilidade de tempo entre a leitura profissional e as demais – e também para dividir com vocês, meus leitores, escolhi uma safra mais recente de livros que, se não podem ser considerados literatura, também não são acadêmicos. Dentre eles, há os que permitem explorar temas e disciplinas no domínio da gestão, a exemplo da "tomada de decisão", sobretudo a eterna "questão da racionalidade", bem como os que tratam do comportamento inovador baseado na atividade de

pesquisa. Dada (mais uma vez) a limitação de espaço-tempo desta coluna, por ora eu vou me restringir ao segundo tema, deixando o primeiro para outra oportunidade. Refiro-me aos seguintes textos: O Mapa Fantasma, de S. Johnson; Muito Além do Nosso Eu, de M. Nicolelis; Sete Experimentos que Podem Mudar o Mundo, de R. Sheldrake; o Arco-Íris de Feynman, de L. Mlodinow; e, Rápido e Devagar, de D. Kahneman.

Com algum exagero permitido aos apaixonados, pode-se dizer que o conjunto de livros citados permite elaborar um currículo que, se não é alternativo, é complementar à disciplina de Métodos de Pesquisa (companheira de todos os professores), com a vantagem da ênfase conferida, mas nem sempre explicitada, à criatividade e à inovação. De forma muito sucinta, o que é que cada um deles nos traz?

Parece-me que nada, nos textos atuais, é mais presente do que a afirmação de que todos os gestores buscam “o Santo Graal”, uma ferramenta “quase mágica” que seja capaz de despertar nas equipes a criatividade, que resulte em inovações de toda ordem. Sobre este assunto, muitos textos são na forma de manuais, e, diga-se de passagem, alguns são até mesmo classificáveis como “tolos” (ou, como se diz, no estilo de “receitas de bolo”) e foram escritos inclusive pelo próprio S. Johnson, como é o caso do conhecido “De Onde Vêm as Boas Ideias”. Como contraponto do mesmo tema, vale a pena ler “O Poder dos Quietos”, de S. Cain). Todavia, é em “O Mapa Fantasma” que o autor revela J. Snow como o precursor da epidemiologia. Este último, mediante o uso do mais puro raciocínio analítico, da formulação de hipóteses, da coleta, da catalogação e da análise crítica dos dados, contribuiu para a erradicação da epidemia do cólera na Londres vitoriana. Dispondo apenas de instrumentos rudimentares, ainda longe dos avanços que só muito posteriormente viriam a ser registrados nas ciências bioquímicas, Snow utilizou o método científico e a mais pura razão para ver o que os outros ainda não percebiam, ainda que (agora aparentemente) óbvio. Ele, a exemplo de tantos inovadores, enfrentou uma oposição que o levou a outra luta: a do convencimento de que as suas ideias e proposições eram as acertadas. Nessa trajetória, ele combinou e intercalou procedimentos atualmente classificados como quali-quantitativos.

M. Nicolelis, antes de chegar à sua linha de pesquisa – a da interface cérebro-máquina – percorreu sobre a evolução das neurociências, um dos campos mais recentes de pesquisa, mas também um dos que têm se revelado mais profícuo e promissor para o entendimento do ser humano, daí a sua importância ímpar para a área da gestão. Nesta trajetória, este autor deixa à vista a forma de pensar, instigante, crítica e questionadora dos grandes vultos, que os levou a romper paradigmas, bem como encontrar as estratégias para a superação das resistências e – por vezes mal disfarçadas – vaidades dos seus pares. Mas a obra “Muito Além do Nosso Eu” não se resume à história das neurociências e à forma de ver e pensar de um cientista atuante nas fronteiras do conhecimento. Também é, ao lado de os “Sete Experimentos que Podem Mudar o Mundo”, um precioso (porque variado) acervo de experimentos não encontrados nos tradicionais manuais de metodologia científica. O diário de bordo é, então, aberto, e nele se desnudam o “passo a passo” da atividade investigatória, os avanços, as dificuldades, os recuos, as estratégias alternativas, o jogo político e os embates institucionais, e

tudo isto ocorrendo em meio às descargas de adrenalina e serotonina que as descobertas provocam.

L. Mlodinow, em "O Arco-Íris de Feynman", nos conta o seu convívio com R. Feynman, Prêmio Nobel de Física em 1965, e também nos mostra como um pesquisador daquela estatura conduz o pensamento criativo, da gênese histórica ao resultado final. O autor pergunta: como encontrar as lacunas e transformá-las em desafios que conduzam às descobertas e contribuições inovadoras? Tudo isso em meio às idiossincrasias entre diamantes do mesmo quilate, a exemplo do convívio com Murray Gell-Mann, também agraciado com o Nobel de Física, em 1969. O lado humano do pesquisador, em parte salientado devido ao câncer que vitimou Feynman, mereceu uma atenção à parte, assim como as questões de fé. Por fim, no embate entre os teóricos e os empíricos, levado ao limite, quem ganha é o leitor, que sai sobremodo enriquecido desta leitura.

Sou de opinião de que "Rápido e Devagar – duas formas de pensar", de D. Kahneman, Prêmio Nobel de Economia em 2002, deveria, por variados motivos, ser um texto obrigatório em diversas áreas da gestão (as de Recursos Humanos, de Finanças, de Marketing e de Vendas, de Políticas Públicas, entre outras). Ainda a meu juízo, antes e acima de tudo, o livro é um libelo contra a hegemonia do modelo racional de pensamento sobre o comportamento humano (o que é uma influência originada da Economia e da Física). Neste livro, aos poucos, através de uma bem delineada estratégia de argumentação, de sucessivos experimentos, testes e provas, o autor não apenas nos leva à reflexão sobre o nosso dia a dia pessoal, profissional e das relações institucionais, como também nos ensina a perceber as lacunas teóricas no campo que discute, a analisar as contradições, a criticar, a questionar, enfim, a pensar de modo criativo e inovador.

Por fim, seria muita pretensão tentar sintetizar, em tão curto espaço, as obras previamente selecionadas. Conforme já citado, os múltiplos domínios abordados pelos autores (de Física, Neurociências, Meio Ambiente, Comportamento Humano, etc.) favorecem a identificação das também variadas interfaces com os temas pertinentes à gestão, bem como contribuem para uma prazerosa e enriquecedora leitura. Por outro lado, aqui, o foco tenha sido destacar algumas das contribuições para o modo de pensar que leva ao ato criativo e inovador. Para quem quiser (e dispuser de tempo para esta tarefa), à margem da literatura, muitos outros textos poderiam ser explorados para o desenvolvimento de competências na área da gestão: também de L. Mlodinow, "O Andar do Bêbado" e "Subliminar", de P. Zak, "A Molécula da Moralidade" e, para concluir, uma ficção de E. Giannetti, "A Ilusão da Alma"; entre muitas outras excelentes leituras...